



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**05 e 06 de agosto de 2017**

Reivindicações tão diversas quanto as vivências / Feminismo / Marcha Internacional Mundos de Mulheres / 13º Congresso Mundos de Mulheres / 11º Fazendo Gênero / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Cristina Scheibe Wolff / Professora / Feminismo Interseccional

SUA VIDA | FEMINISMO

DIÁRIO CATARINENSE, 22  
SÁBADO E DOMINGO,  
5 E 6 DE AGOSTO DE 2017

# REIVINDICAÇÕES TÃO DIVERSAS QUANTO AS VIVÊNCIAS

**MOVIMENTO DE MULHERES** se mostra mais plural em relação às pautas abordadas em manifestações, como a que ocorreu em Florianópolis ao longo da última semana, e se abre à sobreposição de preconceitos no debate das questões de gênero

GABRIELE DUARTE  
gabrielle.duarte@diariocatarinense.com.br

As demandas dos movimentos das mulheres mudaram ao longo da história. Antes de 1932, quando as brasileiras ainda não podiam votar, as ruas foram ocupadas em prol do sufrágio feminino. À medida que esse e outros direitos foram alcançados, as reivindicações sofreram alterações. Passados 85 anos, as manifestações que visam a ampliação dos direitos femininos ainda ocorrem no mundo todo. A Marcha Internacional Mundos de Mulheres, que aconteceu nessa semana em Florianópolis, é um indicativo. Ao reunir entre 5 mil e 10 mil pessoas, segundo os cálculos da Polícia Militar e da organização, respectivamente, tornou-se evidente a pluralidade de demandas trazidas pelas participantes pertencentes às mais variadas esferas, camadas e extratos da sociedade.

As solicitações, tão diversas quanto as próprias vivências de quem caminhava, cantava e levantava cartazes, também permearam as discussões das questões de gênero ao longo do 13º Congresso Mundos de Mulheres. Associado ao 11º Fazendo Gênero, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o evento reuniu 9.561 inscritos de todas as regiões do Brasil e dos cinco continentes.

Para entender por que lutam as feministas atualmente e de que forma – apesar da diversidade de denúncias, elas se unem em um único movimento – o Diário Catarinense ouviu cinco representantes do movimento. A primeira delas foi a professora da Universidade do Estado da Bahia, Cláudia Pons Cardoso, que milita no feminismo negro. Ela reconhece que a pauta das mulheres que são prejudicadas pela raça e pela identidade de gênero é extensa, mas faz questão de destacar as questões vinculadas à violência.

– Somos contra o genocídio da população negra, principalmente de jovens, que estão sendo assassinados nesse país. A violência policial, o encarceramento em massa, a violência contra a mulher negra. A nossa pauta é de enfrentamento ao racismo, porque todas essas questões são marcadas por isso – define.

A fala de Cláudia é respaldada pela pesquisadora norte-americana Kimberlé Crenshaw, que mais recentemente trouxe o termo interseccionalidade para o debate do feminismo no Brasil. De acordo com a especialista em teoria racial, se uma pessoa fica parada na interseção onde múltiplas formas de exclusão se cruzam, há a chance de ser atingida por todas elas.

É exatamente essa sobreposição de sistemas opressores que cria mais de um nível de injustiça social pelo qual as mulheres negras são vítimas. Elas morrem mais do que as brancas, inclusive em Santa Catarina, conforme mostra o Atlas da Violência 2017. Em se tratando de feminicídios, o Estado teve crescimento de 25,30% ao longo de dez anos, mas se considerada somente a morte de negras, houve salto de 133,4% no mesmo período.



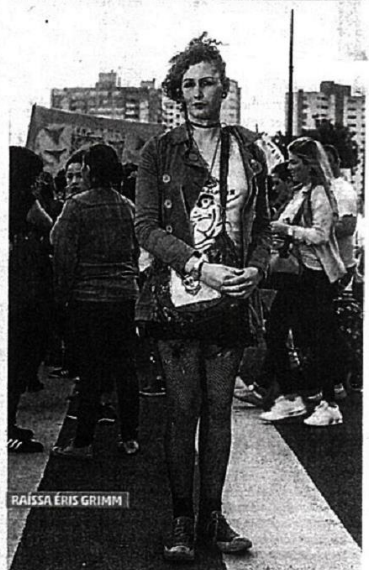
CLÁUDIA PONS CARDOSO



SANDRA MUÑOZ



ADÉLIA MARIA SCHMITZ



RAÍSSA ÉRIS GRIMM

FOTOS MARCO FAVERO



## Índias e camponesas defendem o combate à violência

Outro grupo que se diz impactado duas vezes pelo preconceito é o de mulheres indígenas. Ao reivindicar o reconhecimento agrário, ameaçado por parecer assinado pelo presidente Michel Temer (PMDB) no final de julho, elas também são mortas. O documento destaca que as tribos têm direito à terra “desde que a área pretendida estivesse ocupada pelos indígenas na data da promulgação da Constituição (1988)” — o chamado marco temporal —, o que é criticado por ONGs e defendido por ruralistas.

As mulheres das aldeias também lutam,

portanto, pela própria sobrevivência, conforme pontua Kuáwá Apuriná, que é originária da fronteira entre a Amazônia e o Acre.

— Queremos nossas terras demarcadas por esse governo golpista que nos mata todos os dias. Jaqueline [Lopes Sousa] Guajajara e Marilda [Senna Guarani] Kaiowá foram mulheres assassinadas porque lutavam por suas terras. As mulheres do Mato Grosso do Sul são violentadas e assassinadas pelos pistoleiros — desabafa.

Igualmente fora dos centros urbanos, as mulheres do campo como Adélia Maria

Schmitz, de Itapiranga, no Oeste do Estado, protestam pelo direito de viver sem violência, dessa vez a doméstica. A partir dessa reivindicação, surgiram outras, conforme a própria agricultora salienta, mas todas focadas no bem-estar de quem lida com a terra.

— Um dos direitos que buscamos é que todas as mulheres tenham uma vida digna sem violência. E outro é pela agroecologia, para a produção de alimentos saudáveis que produzam saúde e não provoquem doenças. Sem veneno, sem transgênicos — disse Adélia na capital catarinense.



KUÁWÁ APURINÁ

### Urbanas tornam os protestos contemporâneos

Em 1968, quando cerca de 400 ativistas pertencentes ao grupo *Women's Liberation Movement* (Movimento pela Emancipação das Mulheres, em tradução livre) queimaram os sutiãs em protesto ao concurso de beleza *Miss America*, era dado início às reivindicações femininas mais voltadas aos próprios corpos. A partir desta data, elas passaram a questionar padrões de beleza socialmente impostos, acesso à métodos contraceptivos e aborto livre e seguro, por exemplo. Foram as mulheres das cidades quem encamparam inicialmente essas bandeiras, hoje abraçadas pelo movimento.

Também relacionada à liberdade sexual é a briga atual da organizadora da Marcha das Vadias, a mineira Sandra Muñoz, que faz questão de rebater todas as críticas recebidas a respeito da forma com a manifestação é conduzida.

— O nosso corpo é livre. Ele pode ser gordo, pode ser magro, você só tem que ter um corpo para entender que é livre. A nossa reivindicação é essa e está relacionada à nossa própria liberdade — explica.

Fora dos padrões de identidade de gênero e, por vezes, de sexualidade, as mulheres trans também estão presentes no movimento feminista. Mas é preciso destacar que, dentro do próprio ativismo, há resistência com elas. Superados esses cismas, as travestis e transexuais retomam a denúncia para a violência, dessa vez a partir de um corpo que foge à norma. De Florianópolis, Raíssa Éris Grimm se apoia na estatística que coloca o Brasil como o país que mais mata mulheres trans no mundo, para a ONG *Transgender Europe*.

— São duas mulheres trans ou travestis que morrem por dia por conta da violência. A nossa principal luta é por respeito e pelo fim do transfeminicídio. É para que a sociedade possa, enfim, reconhecer as mulheres trans e travestis como seres humanos. O que acontece hoje em dia é que boa parte delas são expulsas da família, das escolas e não conseguem desenvolver formas de sustento para sobreviver, tendo como única alternativa a prostituição — conta.

Nesse contexto, a regulamentação do trabalho sexual também aparece no panfleto feminista. Em vez de punir a profissional do sexo, há o apelo para que elas sejam protegidas de cafetões e da violência possível de ser aplicada pelos clientes.

### “Queremos que o movimento feminista encampe diversidades”

ENTREVISTA

CRISTINA SCHEIBE WOLFF  
historiadora e professora da UFSC



Coordenadora-geral do 13º Congresso *Mundos de Mulheres e do 11º Fazendo Gênero*, a professora da UFSC Cristina Scheibe Wolff explica a importância de dar visibilidade às mais variadas reivindicações das mulheres.

**Ao longo da história, as mulheres sempre encamparam uma pauta diversificada?**

No início, quem levantou essa bandeira do feminismo foram, principalmente, as mulheres de classe média, que no começo buscavam a questão do voto feminino. O que não quer dizer que não havia outros movimentos de mulheres, elas só não se denominavam feministas ainda, mas tinham as operárias, as anarquistas e vários grupos. A pauta não era só o voto, também havia o acesso à educação e o salário igual no trabalho, por exemplo. Aos poucos, principalmente a partir dos anos 1970, especialmente as negras dos Estados Unidos propuseram a diversidade. Elas disseram: “nossas pautas não são iguais às das mulheres brancas, temos particularidades”. Hoje, nós queremos que o movimento feminista encampe diversidades, porque elas [negras] entraram e trouxeram diferença. Isso só foi se aprofundando ao longo dos anos.

**Quando surgiu o termo feminismo interseccional para dar conta de explicar que uma mulher negra, por exemplo, sofre preconceito de maneira diferente da mulher branca?**

Isso não é tão recente. O termo vem justamente dessa busca por um feminismo que leve em consideração as diversidades. Uma das principais pesquisadoras que trabalhou diretamente foi a Kimberlé Crenshaw. É uma norte-americana afrodescendente. Nos anos 1990, já se falava isso. O Bra-

sil é que parece, agora, ter redescoberto esse termo.

**Há algo em comum nessas reivindicações tão distintas?**

Tem algumas coisas que são comuns, que é principalmente a questão do gênero. Isso é o que nos coloca. É a desigualdade que existe entre homens e mulheres na nossa sociedade. O problema não é sermos diferentes, mas sim as relações de poder e hierarquia bem estabelecidas em que homens sempre aparecem com mais poder e acesso a recursos. Além do que a gente tradicionalmente chama de violência, que é o ponto de interseção, há a própria questão econômica e social. A pobreza das mulheres é muito maior que dos homens. Elas acabam vivenciando e sendo sobrecarregadas na sua vida cotidiana, com trabalho, cuidado dos filhos, mais velhos e doentes. Acaba criando às mulheres essa carga adicional que, na verdade, deveria ser dividida.

**Qual é a importância de levar para a rua essas pautas tão distintas dentro de uma mesma marcha e do evento?**

O que a gente espera é que isso tenha uma visibilidade social e que possam ser pensados novos caminhos para enfrentar essas questões. A última conferência internacional sobre as questões das mulheres foi realizada em 95 em Pequim. Depois disso, não teve mais nenhuma. E as questões discriminatórias de gênero não se resolveram, pelo contrário, se aprofundaram.

#### O QUE ELAS DENUNCIAM

Abraçadas individual ou coletivamente, as pautas do movimento feminista contemporâneo no Brasil são extensas. Confira 12 delas defendidas na última semana em SC:

- 1) Combate à violência, opressões e assédios físicos e psicológicos
- 2) Feminicídio
- 3) A forma como os corpos femininos são enxergados como objetos e mercadorias
- 4) Falta de políticas públicas específicas para enfrentamento das violências de gênero
- 5) Ausência de mulheres em espaços de poder
- 6) Cultura do estupro
- 7) Racismo (negras e índias)
- 8) Expropriação violenta de terras, sementes e recursos ambientais
- 9) Desigualdade salarial
- 10) Invisibilização e não-remuneração de tarefas domésticas e cuidados
- 11) Predomínio do fundamento religioso
- 12) Criminalização do direito ao corpo ao aborto irrestrito e seguro

Fonte: Manifesto Mundos de Mulheres por Direitos

“O que a gente espera é que isso tenha uma visibilidade social e que possam ser pensados novos caminhos para enfrentar essas questões de gênero.”

**CRISTINA SCHEIBE WOLFF**  
Historiadora e professora



## Notícias do dia Cidade

“Uma ilhota que ficou na memória”

Uma ilhota que ficou na memória / FAM / Florianópolis Audiovisual Mercosul/  
Documentário / Ilha do Carvão / Dennis Radünz / Fábio Brüggemann /  
Patrimônio Cultural

**8/9.Cidade** NOTÍCIAS DO DIA  
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 5 E 6 DE AGOSTO DE 2017

# Uma ilhota que ficou na memória

**Documentário** fala da Ilha do Carvão, que desapareceu na construção da ponte Colombo Salles

**PAULO CLÓVIS SCHMITZ**  
pc@noticiasodia.com.br

Era uma pequena ilha que foi engolida por outra, maior e com ares expansionistas, a ponto de o desaparecimento físico ser seguido por seu análogo, talvez mais dramático, que é o esquecimento definitivo, inexorável, da memória coletiva. Num texto inspirador, o poeta fala em “desaparição” e na estranha sensação de chegar à extinta ilhota a pé, porque o mar foi tomado pelo aterro e as rochas remanescentes serviram de base para um dos pilares da ponte que acalmou, por algum tempo, o ânimo dos motoristas da cidade. Dennis Radünz, o poeta, e Fábio Brüggemann, artista de múltiplos voos, transformaram a saudade de uma ilha que nunca conheceram num pequeno filme que foi exibido no último FAM (Florianópolis Audiovisual Mercosul) e que voltará a ser mostrado nos próximos dias na Assembleia Legislativa, numa audiência pública que vai discutir a questão do patrimônio cultural.

A Ilha do Carvão, que deu nome ao documentário de oito minutos, existiu até meados da década de 70 na baía Sul e subsiste como vaga lembrança para os antigos moradores de Florianópolis. Ela abastecia de carvão os navios a vapor que usavam o porto da cidade e fazia parte da paisagem local, compondo uma linha reta que

começava no cais Rita Maria e terminava no pico do Cambirela, em Palhoça.

O que restou está nos arquivos e acervos públicos ou particulares, em forma de fotografias, audiovisuais e reportagens de jornal. E, também, na cabeça dos que a conheceram e no imaginário daqueles que apenas ouviram relatos sobre ela. “Assim como o bar Miramar, ela poderia ter sido poupada”, diz o artista plástico Átila Ramos, que se inspirou na ilha para fazer uma pintura tão fiel que contempla até um pé de coqueiro que aparece nas fotografias.

A função de entreposto de abastecimento terminou quando o porto de Florianópolis, afetado pelo assoreamento das baías e pela política federal de priorizar o transporte rodoviário, perdeu movimento e foi desativado. No entanto, velhas fotos da cidade denunciam a presença da ilhota, com seu prédio de um piso em forma de castelinho. “Não havia noção de preservação da história, tanto que de todo o conjunto da orla só sobrou o prédio da antiga fábrica de pregos da Cia. Hoepcke”, afirma Átila. Outro testemunha ocular, o professor e pesquisador João Batista Soares, lembra de ter visto num jornal a foto da inauguração do edifício, com autoridades e militares em traje de gala e um vento nordeste que podia ser medido pelo forte tremular das bandeiras. ●



Ilha do Carvão, que existiu até meados de 1970 na baía Sul, abastecia os navios de carvão

## A crônica manuscrita virou filme

■ O documentário “Ilha do Carvão” começou a nascer em 2013, quando o escritor Dennis Radünz enviou para alguns conhecidos, pelo correio, crônicas manuscritas sobre “temas do mundo extrafísico”, como define. Uma delas falava da ilhota, não no sentido da nostalgia e da perda, mas da memória, do que não se vê – “assim como ocorre com os mendigos da área central, que a cidade finge não enxergar”, compara.

Um dos destinatários foi Fábio Brüggemann, jornalista, editor e escritor, que no primeiro momento engavetou o

material. “Nunca respondi porque não sabia muito bem o que fazer com os textos”, conta. No ano passado, Brüggemann teve a ideia de produzir um curta-metragem a partir da crônica, com o próprio Radünz atuando e narrando apoiado por imagens de arquivo.

O texto original fazia parte de um projeto maior, o “88010-500” (número do CEP da rua em que Radünz reside, no Centro de Florianópolis), onde também há crônicas sobre a linha férrea que corta a cidade de Jaraguá do Sul e o risco de desaparecimento de um bairro inteiro em

Navegantes, no litoral Norte do Estado. Elas se coadunam com o que o autor chama de “jornalismo”, ou seja, referências ao mundo concreto com abordagem mais literária.

Nessa linha, ele já escreveu sobre oceanos em miniatura espalhados pelo interior catarinense, transformando o presente e a realidade pela via da ficção. O escritor define “Ilha do Carvão” como um conto que trata a desaparição como algo negativo e que também ameaça outras ilhas no entorno da ilha maior, na baía Norte e no mar aberto.



## Dinheiro curto e uma ideia na cabeça

■ Quando escreve sobre o não existente, o escritor assume uma atitude política, porque se permite fazer uma crítica na qual a literatura opera como um jornalismo radical. "A geografia funciona como espaço alternativo onde vivemos a política", declara Dennis Radünz. A política também aparece quando as decisões são unilaterais – "como acontece agora com os direitos trabalhistas", compara o poeta.

"Dar cabo à ilha foi uma decisão contra a qual pouco se podia fazer", conta o pesquisador João Batista Soares. Entre as embarcações abastecidas ali, recorda ele, estavam os navios Anna, Hoepcke e Max, da Cia. Hoepcke, poderosa companhia que mantinha indústrias, casas comerciais e ampla atividade naval na cidade, no Estado e no país. Assim como a companhia e o porto, o terminal de carga de madeira no lado do Continente desapareceu sem deixar vestígios.

Ilhas que persistem ou desaparecem sempre renderam boas histórias – de Platão, Hermann Melville e a lenda da Atlântida até a moderna literatura. No caso da ilha do Carvão, o fato de não existirem rastros do acidente geográfico é um estímulo a mais para quem, como Radünz, dá aulas livres de literatura em distintas regiões do país e cria poéticas que afrontam a realidade. Aqui, o cinema é uma extensão da prosa e da poesia. Por isso, talvez, ele seja tão fértil como roteirista cinematográfico, colaborador e pesquisador que engendra sempre novos projetos culturais.

Boas ideias para filmes não são um problema para o diretor Fábio Brüggemann, e se nem tudo vira cinema é porque falta dinheiro. No caso de "Ilha...", tudo foi feito a quatro mãos, com os parcos recursos próprios e com Radünz atuando e narrando a partir do próprio texto que inspirou o documentário. "Dennis é um ótimo narrador", diz Brüggemann. Mais do que se referir ao local, a trilha sonora de Alberto Heller ("Labyrinth") reforçou a ideia de desaparecimento da ilha.

“

**Assim como o bar Miramar, a Ilha do Carvão poderia ter sido poupada. Não havia noção de preservação da história, tanto que de todo o conjunto da orla só sobrou o prédio da antiga fábrica de pregos da Cia. Hoepcke.”**

Átila Ramos, artista plástico



Dennis Radünz (à esq.) e Fábio Brüggemann fizeram o documentário "Ilha do Carvão"



Trabalhadores preparam a ilha para receber estrutura da Colombo Salles



Um dos pilares da ponte Colombo Salles foi assentado sobre a ilha do Carvão



Mapa da parte continental de Florianópolis exibe a pequena ilha na baía Sul

## Pouco apreço pelo patrimônio

■ Sempre que pode, independente do tema em debate, o artista Átila Ramos condena a demolição do bar e café Miramar, devorado na primeira metade dos anos 70 pelo aterro que depois serviu de base para a construção das pontes Colombo Salles (um de seus pilares foi assentado sobre a ilha do Carvão) e Pedro Ivo Campos. Ele acompanhou a aproximação da areia do boteco que era o paraíso dos boêmios da cidade e que, como a ilha desaparecida, podia ter pouco valor estético e arquitetônico, mas permaneceu na memória afetiva dos que testemunharam sua existência. "O Miramar foi derrubado em uma noite", recorda Átila.

Nem as campanhas de mamezinhos mais empedernidos, como o jornalista Aldário Simões, resolveram. "Se escavarem um pouco, vão encontrar a escadaria que estava no nível da rua", desafia o artista.

Crítico do descaso com a cultura da cidade, Fábio Brüggemann é outro que condena os gestores do que chama de "Nossa Senhora dos Aterros". Ele dispara: "Se você prestar atenção no movimento da elite local, verá que ela ocupou o Centro e depois o abandonou, ocupou Coqueiros e fez o mesmo, foi para a Beira-Mar e está abandonando também, com fluxo para Jurerê. Quando abandona, nada mais nasce no lugar".



**Diário Catarinense**  
**Viviane Bevilacqua**  
"Longo Caminho"

Longo Caminho / UFSC / 13º Congresso Mundos de Mulheres / Situação da mulher brasileira

## LONGO CAMINHO

O 13º Congresso Mundos de Mulheres, realizado na UFSC na última semana reunindo cerca de 8 mil mulheres de várias regiões do Planeta chegou ao fim deixando uma importante mensagem: movimentos e organizações de mulheres e feministas têm sido atores políticos relevantes na história recente, no Brasil e no mundo, produzindo avanços legais nos direitos das mulheres, mas ainda há muito o que fazer. O próximo congresso será em Maputo, capital do Moçambique, em 2020. A luta de todas as mulheres, daqui e de fora, é para que, até lá, tenham-se números mais positivos e muitas histórias com finais felizes para apresentar ao mundo.

A professora Flávia Biroli, do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, em uma das mesas-redondas do congresso, fez um apanhado sobre a situação das mulheres brasileiras. Segundo ela, o Brasil é um dos países com os piores índices de representação das mulheres em cargos eletivos em todo o mundo. Mesmo o país tendo adotado há 20 anos as cotas que determinam um mínimo de 30% de candidaturas do sexo feminino nas listas partidárias, elegemos menos de uma mulher para cada nove homens para a Câmara dos Deputados em 2014. Os números não são muito diferentes nas assembleias estaduais e nas câmaras municipais.

Apesar disso, os movimentos e organizações de mulheres têm sido atores políticos relevantes na história recente, produzindo avanços legais nos direitos femininos. "Nos quase 30 anos que nos separam da Constituição de 1988, houve avanços significativos na legislação e nas políticas públicas relativas à violência, ao trabalho e aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres", afirmou a pesquisadora. Um exemplo: em 1970, o percentual de brasileiras economicamente ativas era de 18,5%; em 2005, esse percentual chegou a 59%, hoje está em torno de 56%. Os índices de escolaridade também são maiores entre as mulheres, mas isso não significa uma superação das desigualdades entre os sexos. Elas recebem em média 25% a menos do que eles para exercer as mesmas atividades, e são maioria entre as pessoas que exercem trabalho precarizado.

A organização das relações familiares também mudou muito. As mulheres se casam e se tornam mães mais tarde e têm menos filhos (em 1970 a média era de 5,8 filhos por mulher, e hoje é de 1,77). "Mas elas continuam a ser as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado da família e do lar, desdobrando-se em diversas funções. Não apenas as expectativas quanto aos papéis desempenhados, mas também o acesso a um recurso fundamental – que é o tempo –, permanece desigual entre mulheres e homens", comparou Flávia Biroli.



A professora ressaltou, por fim, algumas conquistas legais das mulheres, desde o início dos anos 2000. Entre elas, a Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, que permitiu ampliar o combate à violência doméstica; a legislação de 2008, que amplia para 180 dias a licença-maternidade; a decisão do STF de 2012 que permite o aborto nos casos de anencefalia fetal; a decisão do STF de 2011 que reconhece a união entre pessoas do mesmo sexo; a PEC das Domésticas de 2015; e a Lei do Femicídio, sancionada em março do mesmo ano. São conquistas importantes, sem dúvida, mas a estrada é longa. Há muito ainda o que percorrer.

O colunista Sérgio da Costa Ramos retorna das férias em 16/8.

### Notícias do dia

**Fabio Gadotti (Interino: Fabio Bispo)**

“O legado na capital do mundo de mulheres”

O legado na capital do mundo de mulheres / 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero / UFSC / Lilian Celiberti / Feminismo



**O LEGADO NA CAPITAL DO MUNDO DE MULHERES**

**P**resente no 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero, esta semana, na UFSC, a feminista uruguaia Lilian Celiberti afirmou que “o Brasil e seus vizinhos vivem o estertor de um sistema político caduco”. Sequestrada em Porto Alegre, em 1978, por militares uruguaios e brasileiros, num episódio que fez parte da Operação Condor, ela nunca abandonou a militância e, mesmo presa, torturada e afastada dos filhos, continuou fazendo oposição aos regimes de força do continente. Na palestra, Lilian disse que o feminismo atual faz autocrítica permanente e que “estamos vivendo um momento de tensão, de crise, mas também de resistência”. Assim como aconteceu nos anos 80, hoje “as feministas podem transformar radicalmente as relações sociais”. O evento realizado na UFSC, entre 30 de julho e 4 de agosto, transformou Florianópolis na capital mundial das mulheres através de uma série de mesas-redondas, apresentações de pesquisas, debates, música, entre outros. A próxima edição será em 2020, em Moçambique. ●

### Notícias do dia

**Laura Coutinho**

Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Show / Elza Soares



**20** No outro domingo, rola no Centro de Eventos da UFSC show com Elza Soares e sua acalmada turnê do espetáculo "A Mulher do Fim do Mundo". Imperdível.



**Notícias do dia**  
**Néri Pedroso**  
"Estreia"

Estreia / Grupo Armação / Sopros de Paz e Guerra / Teatro da UFSC

**Estreia**

Para marcar os 45 anos de existência, nos próximos dias 9 e 10 de agosto, às 20h30, o Grupo Armação apresenta "Sopros de Paz e Guerra", no TAC (Teatro Álvaro de Carvalho), em Florianópolis. No elenco, Édio Nunes (foto), Chico De Nez e Sandro Maquel, cujos personagens disputam poder entre trapaças, encrencas e trapalhadas. Produzida com recursos de autogestão, o grupo conta com "o apoio de pessoas, empresas e entidades sensíveis à arte", diz o diretor Antonio Cunha, satisfeito por encenar o texto vencedor do prêmio Drama TEns 2015, realizado em Portugal. Inédita, a comédia do dramaturgo Odir Ramos da Costa, "um mestre da palavra e da carpintaria dramaturgica", segundo Cunha. Depois do TAC, o espetáculo poderá ser visto nos dias 12, 13, 18, 19 e 20 de agosto, no Teatro da UFSC.



MARGARETT WESTPHAL/DIVULGAÇÃO/ND

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

## **CLIPPING DIGITAL**

05/08/2017

[Anne Carson investiga obra de Marcel Proust em livro](#)  
[Com ingredientes naturais, casal de SC cria substituto do plástico](#)  
[filme para proteger alimentos](#)

06/08/2017

[Concursos abertos em 26 órgãos começam a inscrever para 1.000](#)  
[Vapt-Vupt](#)